

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

178

INSCRIÇÕES 673-675



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



## NERITVS SERVVS ROMAE DECESSIT

Epígrafe de mármore branco com bastante pátina, achada há vários anos na Herdade das Pias, freguesia de Faro do Alentejo, concelho de Cuba, na posse de Nuno Cardoso, proprietário da herdade<sup>1</sup>.

O monumento (Fig. 1) não está completo na sua parte superior. À primeira vista, parece ser um cipo em forma de *cupa* invertida (e sem aros). A forma não trabalhada da retaguarda, em bruto constitui, no entanto, o encaixe perfeito para colocar no nicho de um monumento funerário. Também poderá ser uma ara, porque existe uma rosácea quadripétala inscrita numa circunferência com 6 cm de diâmetro, do lado esquerdo; poderia ter existido uma outra, à direita.

Dimensões: (58) x 37 x 21.

NERITVS · MARIAE / PRISCAE · SER(vus) · AN(norum)  
· XX (viginti) / HIC · ROMAE · DECESSI[T] / ITEM · NEREIS  
· SOROR / <sup>5</sup> AN(norum) · XXV (quinque et viginti) · HIC · SITA  
· EST / TV · QVI · CONTENDIS · / [SISTEQVE?] D[I]C [SIT]  
TERRA · [LEVIS] [?]

---

<sup>1</sup> Agradecemos-lhe a disponibilidade manifestada para nos permitir o estudo do monumento; o nosso bem-haja também a Fernando Valente, que nos informou do seu paradeiro.

*Nerito, escravo de Maria Prisca, de 20 anos, este morreu em Roma e também a irmã Nereida, de 25 anos, aqui jaz. Tu, que caminhas, pára e diz: que a terra seja leve.*

Altura das letras: l. 1 a 6: 4; l. 7: 2. Espaços interlineares: 1: 20; 2 a 8: 2,5.

Paginação com alinhamento à esquerda; espaços regulares. Na l. 6, antes do nexa TV, o sulco vertical afigura-se-nos ser o que resta do filete que poderia ter marcado o limite do campo epigráfico. *Puncti distinguentes* triangulares. Caracteres actuários: note-se o **Q** oblongo de haste oblíqua bem curta, **O** elíptico, **E** de barras curtas oblíquas, **R** com a parte superior pequena donde sai a perna longa e curvilínea, **D** largo...

O desgaste que a superfície epigráfica sofreu dificulta a leitura sobretudo a partir da l. 5, embora nesta ainda se leia bem a parte final (FIG. 2). Dificuldade maior reside na última linha, onde nos parece possível reconstituir *dic*, que estará, provavelmente, seguido da fórmula convencional (FIG. 3). A presença de *contendis*, forma que tem conotação de movimento, convida a que a ela se contraponha uma outra a implicar a necessidade de parar – *siste!* –, a fim de ler o epitáfio e formular o voto funerário habitual. Cremos possível ser esse o texto ali inscrito, ainda que o restituamos dubitativamente, devido ao mau estado da superfície aí. Julgamos, porém, ser inédito – quanto nos foi dado perceber – o uso, neste contexto, do verbo *contendere* (andar depressa) quer na epigrafia romana peninsular e mesmo no panorama oferecido em EDCS<sup>2</sup>. O apelo *siste* («pára!») é, ao invés, mais frequente, sobretudo em textos poéticos, sempre em contraposição a essa ideia de movimento. Citem-se, a título de exemplo, alguns dos que podem encontrar-se na citada base de dados:

– EDCS-12401322 (CIL IX 1817, CLE 1055), de Benevento:  
[...] *quicumque Albana tendis prope[r]asque viator] paulisper celeres siste rogare pedes.*

– EDCS-05501387 (CIL II 1382 = CIL II 05412), de

---

<sup>2</sup> EDCS é a sigla de Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, o banco de dados epigráficos mais actualizado que abarca os testemunhos identificados em todo o Império romano, acessível em <http://www.manfredclauss.de/gb/>.

Carmona, na Bética, traz *siste* no final do epitáfio de uma criança feneçada com 2 anos, 1 mês e 29 dias...

– EDCS-2950023 (CIL III 09314 = CLE 01205), de *Salona*, na Dalmácia: [...] *Quisquis es adventum nostrum contempla sepulcrum siste precor paucis perlege fata mea*.

– EDCS-65500116 (CIL III 111), de *Acruvium*, na Dalmácia: *siste gradum viator humique sedens* [...] (para o andar, viandante, e, sentado no chão, [...])

– EDCS-05601055 (CIL II 05907 = CLE 01193), de *Linares* (Castulo): *Siste precor quæso cipum cognosce viator Antisporus annorum VIII carus* (para, suplico, viandante, contempla o cipo: o querido Antisporo, de 8 anos).

Um ambiente, poderemos deduzir, em que predomina um halo de muito carinho e tristeza, mormente perante a morte prematura de entes queridos. No caso presente, dois irmãos: faleceu *Neritus* em Roma, com apenas 20 anos, antes de a família *Maria* se ter deslocado para as úberes terras pacenses, em busca de boa agricultura ou na mira de o negócio das minas lhes poder dar melhores condições de vida; já aqui, foi a vez de *Nereida* partir, também na flor da idade. Motivo havia, portanto, para lamentar as suas mortes e, irmãos na vida, irmanados serem na memória tumular.

Nada se diz do estatuto social de *Nereis*; escrava terá sido também, como o seu nome mitológico o sugere. De *Neritus* expressamente se diz de quem foi escravo, um pretexto, aliás, para se perpetuar o nome da família *Maria*, que os acolhera.

*Neritus*, *cognomen* desconhecido, até ao momento, na epigrafia peninsular, foi incluído por Solin entre os nomes gregos, com 9 testemunhos na epigrafia de Roma, 5 dos quais a identificar escravos ou libertos<sup>3</sup>. É o diminutivo da palavra grega νερό, que significa «água», registando-se, na região italiana de Abruzzo, o topónimo Nerito, a que se atribui precisamente o significado de «lugar da água».

Não chegam a uma dezena as ocorrências de *Nereis* na epigrafia da Hispânia, sendo de assinalar que se identifica

---

<sup>3</sup> SOLIN, Heikki, *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982, p. 590.

na necrópole da Quinta do Arroio, em Tavira<sup>4</sup>. Escrevemos, na altura, em comentário, que nos parecia «possível a ligação deste antropónimo a um estrato populacional eventualmente relacionado com a actividade marítima e comercial»; foi atribuído aí «a uma liberta, homenageando Nereida, ninfa do mar – o que denota apreciável nível de cultura». Se, no caso da Herdade de Pias, a relação com o mar não se põe na altura da morte, nada impede, todavia, que se tenha posto, em Roma, quando o nome lhe foi dado. Em todo o caso, a onomástica destes dois defuntos, juntamente com o referido carácter erudito da fórmula final, atesta efectivamente um bom nível cultural.

Há outros testemunhos do *nomen Marius* (também ele ligado ao mar?) na epigrafia romana hispânica; no *conventus Pacensis*, regista-se cerca de uma dezena (IRCP, p. 863), entre os quais poderá referir-se *Maria Euprepia*, relativamente perto de Cuba, porque foi o seu epitáfio (IRCP 430) achado em Nossa Senhora d'Aires, do vizinho concelho de Viana do Alentejo, possivelmente uma liberta também, de que o marido, o dedicante, não hesita em dizer *quai [sic] fate concesserunt vivere annis XXXXV*, «a quem os Fados concederam que vivesse 45 anos», expressão de claro teor poético, a denunciar igualmente um ambiente cultural não despreciando.

Não pode deixar de se assinalar também a informação do falecimento em Roma, porque há na Lusitânia ocidental três outros exemplos, do termo de *Conimbriga*: o epitáfio de *Iulius Fortunatus, Romae sepultus*, foi achado na Ega, mandado gravar pela mãe e pela irmã<sup>5</sup>; na epigrafia da própria cidade, *P. Lucanius Reburinus*, de 37 anos, também sepultado em Roma, é recordado por sua mãe, *Publia Procula*<sup>6</sup>. Aliás, também *Fouilles* II nº 33 refere o filho de *Coelia Romula*, de 32 anos, que faleceu

---

<sup>4</sup> ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 2013, inscrição nº 82.

<sup>5</sup> ENCARNÇÃO, José d' e CORREIA, Virgílio Hipólito, «Inscrições romanas no Paço da Ega (Condeixa-a-Nova) (*Conimbriga – Conventus Scallabitanus*)», *Ficheiro Epigráfico* 98 2012 inscrição nº 443. <http://hdl.handle.net/10316/20220>

<sup>6</sup> *Fouilles* II 34= ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges; et LÉVÊQUE, Pierre et Monique, *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, inscrição nº 34.

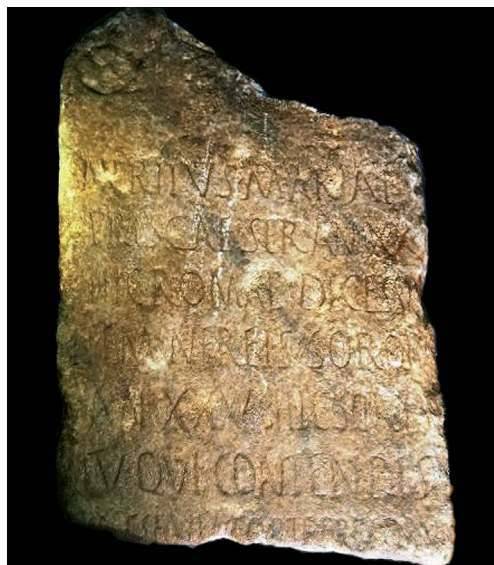
no caminho para Roma e aí foi sepultado: «in itinere urbis defuncto et sepulto». A estes se poderá juntar, ainda que como hipótese, o caso do marido e dos filhos de *Calpurnia Sabina*, cujo cenotáfio se identificou na *villa* romana de Tourega, perto de Évora (IRCP 382): senadores, ele, *Q. Iulius Maximus*, na altura da morte, *praetor designatus*, e os filhos, *Q. Iulius Clarus* e *Q. Iulius Nepotianus*, *IIIviri viarum curandarum*, poderão, na verdade, ter morrido em Roma aquando do exercício das suas magistraturas e foi a esposa e mãe que tratou de erguer aqui o cenotáfio em sua memória. Anote-se, nestes vários casos, o papel interventivo da mulher.

Acrescente-se que o *cognomen Priscus, -a*, etimologicamente latino, tinha, em 1984, cinco outros exemplos no *conventus Pacensis* (IRCP p. 869).

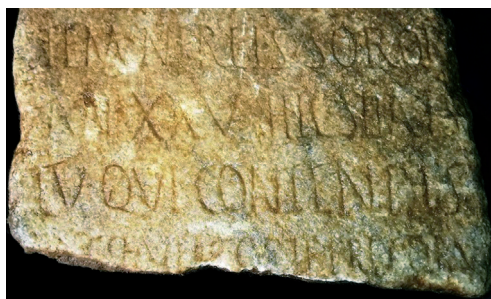
Pela paleografia, pela ausência da consagração aos Manes e pelo teor da fraseologia utilizada, estamos inclinados a datar o monumento no século I. E, para nos mantermos no clima poético que, inevitavelmente, deste epitáfio dimana, ousaríamos afirmar que navegamos em mar de escravos, o que condiz bem com o ambiente de *villa* de colono que em Roma, pesarosamente, teve de deixar um dos seus preciosos auxiliares e, aqui, outra acabou por perder. O facto de ser a *domina* que se menciona não poderá passar despercebido. Sim, era ela a *domina* de *Neritus*, não se nega; contudo, pertenceu-lhe, decerto, a iniciativa de mandar lavrar o epitáfio – e este constitui um bom indício de que à mulher se reservavam tarefas na gestão de uma *villa*, que não vêm exaradas nos tratados de agronomia.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

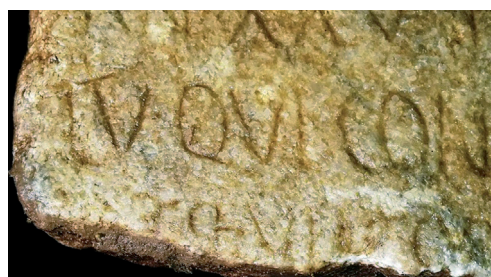
JORGE FEIO



1



2



3

673



## LA INSCRIPCIÓN DE L. VINICIUS DE LA ALCAZÁBA DE BADAJOZ

Una reciente intervención llevada a cabo por la Junta de Extremadura en la Alcazaba de Badajoz ha sacado a la luz de entre sus muros piezas muy interesantes pertenecientes a anteriores civilizaciones. La construcción de estos baluartes defensivos suponía el empleo de un importante número de trabajadores e ingentes cantidades de materiales para lo que se aprovechaban frecuentemente los restos de antiguas edificaciones. Muchos de estos bloques y sillares se remontan al pasado romano del entorno de la ciudad. Este es el caso de la inscripción que nos ocupa, que por sus letras monumentales muy bien pudo formar parte del frontal de un monumento funerario de algún ciudadano romano importante de la sociedad local. Descartamos su ubicación en un edificio público, puesto que no se conoce ningún centro urbano de época romana en las cercanías de la ciudad de Badajoz. El posible panteón al que pudo pertenecer la inscripción se encontraría en alguna de las múltiples *villae rusticae* que proliferaron en la zona, habida cuenta de la feracidad de las tierras del valle del Guadiana.

A pesar de todo, los testimonios epigráficos de época romana hallados en la ciudad de Badajoz son escasos. De la Alcazaba proceden también dos inscripciones funerarias que se encuentran depositadas en el Museo Arqueológico Provincial<sup>1</sup>. Existen asimismo noticias antiguas sobre la aparición de otro epígrafe en la Puerta del Río

---

<sup>1</sup> SALAS MARTÍN (José), ESTEBAN ORTEGA (Julio), REDONDO RODRÍGUEZ (José Antonio), SÁNCHEZ ABAL (José Luis), *Inscripciones romanas y cristianas del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz* [IRCPBa], Badajoz, 1997, nºs 6 y 9.

recogida por Juan Solano de Figueroa<sup>2</sup> y también las informaciones aportadas por Rodrigo Dosma sobre distintos epígrafes procedentes de la ciudad, hoy desgraciadamente perdidos<sup>3</sup>.

El bloque con la inscripción se encuentra en la cara oeste de la torre albarrana situada entre la llamada Torre de los Caballeros y la de Espantaperros, como refuerzo de la esquina de la torre, a unos metros sobre una pieza visigoda. La inscripción es visible desde el edificio de la antigua Escuela de Restauración, hoy sede de la UNED, en la Plaza Alta de Badajoz.

Se trata de un bloque de mármol blanco de forma rectangular sin ningún tipo de decoración y situado en posición invertida. Es probable que la pieza fuera cortada de otra mayor para su adaptación al muro en el que está empotrado, aunque no descartamos la inscripción original estuviera formada por la unión de varias piezas del mismo tamaño, y que el bloque permanezca intacto. El hecho de que el texto esté perfectamente centrado en el sillar parece apuntar a esta última suposición.

Su ubicación a cierta altura nos ha impedido tomar medidas exactas, pero aproximadamente tiene 40 x 30 x 15 cm.

L(*ucius*) · VINICIVS [---

Las letras, de gran belleza y *ductus* regular, son monumentales cuadradas perfectamente cinceladas a bisel y remate triangular visible en V e I. La interpunción es triangular con vértice inferior.

El *nomen gentile* *Vinicius* es extremadamente raro en la epigrafía peninsular pues, aparte del integrante de la comisión que redactó el *senatus consultum* de Cneo Calpurnio Pisón padre que aparece en la placa de bronce encontrada en Saucejo (Sevilla)<sup>4</sup>, solo se conocen dos testimonios más de individuos con este *nomen* procedentes de las

---

<sup>2</sup> SOLANO DE FIGUEROA Y ALTAMIRANO (Juan), *Historia Eclesiástica de la Ciudad de Badajoz*, Badajoz 1670, reedición 1923-1933, 1ª parte, vol. II, 23-24.

<sup>3</sup> DOSMA DELGADO (Rodrigo), *Discursos Pátrios de la Real Ciudad de Badajoz*, Madrid 1601, reeditado por la Comisión de Monumentos, Badajoz, 1870, 68-75.

<sup>4</sup> CABALLOS RUFINOS (Antonio), *El senado consulto de Gneo Pison padre*, Sevilla 1996.

ciudades romanas de *Tarraco*<sup>5</sup> y *Gades*<sup>6</sup>. A estos hay que unir los tres *pondera* con este mismo gentilicio hallados en el yacimiento de “La Florida”, en Puerto de Santa María<sup>7</sup>.

En una de las inscripciones procedente de la Alcazaba de Badajoz, de la que desgraciadamente solo se conserva la mitad derecha, se homenajea a un emeritense cuyo nombre se ha perdido; pero la terminación del *nomen* en *-ius* muy bien pudiera corresponder a un miembro de esta misma *gens*. Se trata de una placa moldurada de mármol que presenta caracteres paleográficos similares a los del epígrafe que aquí analizamos y que parecen apuntar a una misma cronología<sup>8</sup>. Quizás ambas inscripciones formaban parte del panteón familiar que los *Vinicii* tenían en sus posesiones de esta parte del valle del Guadiana que hoy comprenden las tierras de Badajoz.

Como decíamos en líneas anteriores, *L. Vinicius* debía de ser un ciudadano relevante de la sociedad local, pues estos enterramientos monumentales solo estaban al alcance de individuos con una capacidad adquisitiva importante. La cuidada talla del epígrafe apunta a la obra de un taller especializado, radicado seguramente en *Augusta Emerita*.

Aunque lo reducido del texto no nos permite analizar el esquema del formulario, por el tipo de letra podría fecharse en el siglo II o principios del III d. C.

JOSÉ MIGUEL GONZÁLEZ BORNAY  
JULIO ESTEBAN ORTEGA

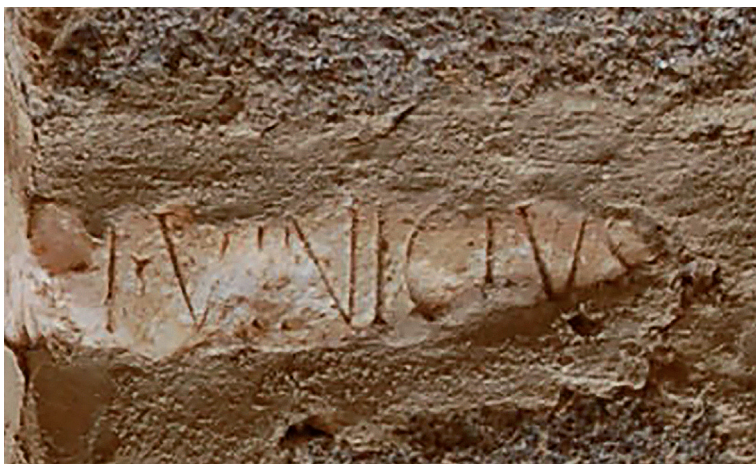
---

<sup>5</sup> *CIL* II 4417.

<sup>6</sup> GÓMEZ GONZÁLEZ (Julián), *Inscripciones romanas de la provincia de Cádiz*, Cádiz 1982, n.º 432.

<sup>7</sup> MATA ALMONTE (Esperanza), «Intervención arqueológica en La Florida, El Puerto de Santa María, Cádiz», *Anuario Arqueológico de Andalucía* III/1, 1998, 76, n.º 3.

<sup>8</sup> La inscripción reza así: ---]cius/ [---]us/ emerit(ensis)/ [---]estilia G(aii) f(ilia)/ [---]a emerit(ensis)/ [---]b(ic) s(iti) s(unt) s(it)/ [v(obis) t(erra)] l(evis), en SALAS MARTÍN (José), ESTEBAN ORTEGA (Julio), REDONDO RODRÍGUEZ (José Antonio), SÁNCHEZ ABAL (José Luis), 1997, 22-23, n.º 6.



674

LA ESTELA DE *CAMALVS* EN ALDEACENTENERA,  
CÁCERES  
(*Conventus Emeritensis*)

Recientemente hemos tenido ocasión de visitar la comarca de Trujillo y en nuestro recorrido recalamos en la localidad de Aldeacentenera, a las puertas de la montañosa comarca de Las Villuercas. Allí se nos informó de la existencia de una “piedra con letras” en el brocal de un pozo a las afueras del casco urbano. Siguiendo las indicaciones de nuestro informador, tomamos el antiguo camino a Deleitosa y a algo más de 1 km de la ermita de Nuestra Señora de los Santos, al borde del citado camino, llegamos a una explanada donde, efectivamente, sobresalía la estructura circular del acuífero. La piedra se encuentra en posición horizontal formando parte de la primera hilada del brocal con el texto hacia el interior.

Se trata de una estela de granito claro con forma rectangular, decorada con un creciente lunar de puntas para arriba en la cabecera. Tanto el motivo decorativo como el texto de la inscripción están muy deteriorados y en buen parte borrados, hasta el punto que se han perdido varias líneas del mismo.

Desconocemos su procedencia, pues los vecinos del lugar no supieron darnos referencias de la misma. El deterioro de la pieza y la uniformidad y finura de la superficie parecen indicar que anteriormente a su posición actual debió de estar en algún lugar de paso de personas y expuesta a las inclemencias del tiempo.

Dimensiones: 123 x 53 x (---); letras: 8.

CAMA[LO] / MED[VEN?]I F(*ilius*) / A(*nnorum*) LXV  
(*quinque et sexaginta*) H(*ic*) S(*itus*) / E(*st*) S(*it*) [T(*ibi*) T(*erra*)  
L(*evís*)] / [...] / <sup>5</sup> [...] / [...]O

Las letras, bien marcadas y con *ductus* regular, son capitales cuadradas y no se aprecia interpunción. El operario no calculó bien el espacio y tuvo que grabar una O de menor tamaño que el resto de las letras para completar la primera línea. La pieza parece haber salido de algún taller radicado en *Turgalium*, a juzgar por lo creciente lunar esquemático, bien con apéndices colgantes o sin ellos, que es muy común en la zona.

L. 1: El nombre del difunto se lee nítidamente en su mayor parte, aunque el final de línea está muy borrado. En el extremo inferior de la misma, casi en el borde, se puede apreciar un pequeño circulillo que correspondería a la O de la terminación de dativo.

L. 2: El texto está muy deteriorado y las letras apenas se aprecian. Los primeros grafos pueden ser ME enlazadas seguidos de una más que probable D, aunque en medio hay espacio para otra letra, que por la distancia entre ellas no puede ser más que una I. Tras la D parece advertirse una R muy desdibujada, pero entonces resultaría un nombre desconocido hasta la fecha imposible de restituir. A partir de aquí el texto se pierde hasta el final, donde se aprecian dos trazos verticales que deben de corresponder a la I del genitivo del antropónimo de la filiación, seguida de la F de *filius*. Lo más probable es que haya que restituir *Medueni* a juzgar por el espacio existente, a no ser que la supuesta D no sea tal, sino LA, y pueda interpretarse *Melamani*. Antropónimos ambos documentados en la epigrafía de la zona.

L. 3: Aunque el texto de esta tercera línea está también muy borrado puede restituirse sin dificultad. Aquí va expresada la edad del difunto y las dos primeras abreviaturas de la fórmula funeraria que se extiende a la cuarta línea.

L. 4: Prácticamente imperceptibles, solo se aprecian trazos de las letras E y S de la fórmula funeraria.

L. 5-8: Debajo de la cuarta línea hay espacio al menos para otras tres líneas de texto, con lo que hemos de suponer la existencia de un dedicante, quizás con su correspondiente filiación y la relación de parentesco con el difunto, seguramente *amico*, si consideramos la edad avanzada del difunto que desaconsejaría el termino *filio* y tenemos en cuenta el trazo sinuoso de una probable O que se aprecia en el extremo inferior derecho de la piedra.

Se homenajea en esta inscripción a *Camalus*, hijo de un posible *Meduenus*, por parte de un individuo de nombre desconocido. *Camalus* es un antropónimo muy común en la epigrafía cacereña y se

repite frecuentemente en las inscripciones de *Turgalium*<sup>1</sup>. El probable antropónimo de la filiación, *Meduenus* o *Meiduenus*, está bien representado en la zona. *Meduenus* está atestiguado en Plasenzuela<sup>2</sup> y *Meiduenus* en Abertura<sup>3</sup> y sobre todo en el área de influencia de *Capera*, en inscripciones de Malpartida de Plasencia<sup>4</sup>, Nuñomoral<sup>5</sup> y Valdeobispo<sup>6</sup>. Un caso más se documenta la zona de *Augustobriga* en la localidad de Torremenga<sup>7</sup>. Menos extendido está *Melamanius*, del que solo se tiene un testimonio en la zona procedente de Plasenzuela<sup>8</sup>. En la provincia de Cáceres este nombre se repite en inscripciones de Coria<sup>9</sup> y Garrovillas<sup>10</sup>.

Por la paleografía y la fórmula funeraria completa se fecharía a finales del siglo I o en el II de J. C. En esta misma dirección apunta el nombre del difunto en dativo que es posterior al periodo flavio.

JULIO ESTEBAN ORTEGA

JOSÉ ANTONIO RAMOS RUBIO

---

<sup>1</sup> ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium* [CILCC II], Cáceres 2012. Este antropónimo aparece en inscripciones de Berzocana (nº 453), Jaraicejo (nº 595), Santa Cruz de la Sierra (nº 692 y 696) y Trujillo (nº 769).

<sup>2</sup> CILCC II, 635.

<sup>3</sup> CILCC II, 428.

<sup>4</sup> ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres III. Capera* [CILCC III], Cáceres 2013, nº 993.

<sup>5</sup> CILCC III, 1001.

<sup>6</sup> CILCC III, 1121 y 1122.

<sup>7</sup> ESTEBAN ORTEGA (Julio) – PAJUELO JIMÉNEZ (José Antonio), “Dos inscripciones cacereñas del *ager Augustobrigensis*”, *FE* 167, 2018, nº 648.

<sup>8</sup> CILCC II, 649.

<sup>9</sup> ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres IV. Caurium*, Cáceres 2016, nº 1178.

<sup>10</sup> ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres I. Norba*, Cáceres 2009, nº 202.





675